



ÁREA TEMÁTICA: Cidade, Campos e Territórios.

A Desigualdade na Repressão: A Saída na Prevenção da Violência

MONTEIRO, Rodrigo

Doutorando em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
rodearmo@yahoo.com.br

ZALUAR, Alba

Doutora em Antropologia, Instituto de Medicina Social – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
amz84@globo.com

Resumo

Dados quantitativos de duas pesquisas domiciliares de vitimização, uma na cidade do Rio de Janeiro, com 3435 pessoas, e outra de 2007, em favelas, com 660 pessoas, apontam para a Área composta pelos bairros pobres dos subúrbios cariocas, como sendo a mais marcada pela violência: as mais altas proporções de vizinhos, amigos e parentes assassinados, de barulho de tiros, da visão de troca de tiros entre pessoas, ou de policiais atirando sem provocação nelas. É ali que está o maior número de favelas da cidade. Para entender os efeitos da violência nesta área e os modos de lidar com o sofrimento resultante, estudamos projetos de prevenção à violência para atender a juventude pobre, tais como as Vilas Olímpicas Municipais e também ONGs, ali presentes. No trabalho de campo etnográfico, entrevistamos tanto mestres e monitores, quanto alunos e pais. Além de lançar luz sobre como o cotidiano da violência e da pobreza tem afetado suas vidas e projetos pessoais, esta pesquisa demonstrou a importância que os projetos sociais estão assumindo para os jovens e suas famílias enfrentarem os riscos, sofrimentos e a falta de alternativas para o jovem pobre.

Palavras-chave: Violência Urbana, Prevenção à Violência, Juventude Pobre, Projetos Sociais, Esporte.



1. Introdução

O objetivo deste trabalho é entender como um projeto sócio-esportivo, instalado em uma das regiões mais carentes e mais marcadas pela violência na cidade do Rio de Janeiro porque mais reprimida pela Polícia Militar – a Área de Planejamento 3 (AP 3) – pode ajudar a prevenir a violência sofrida e cometida por adolescentes. Para isso, pesquisamos como o esporte tem sido praticado ali registrando o ponto de vista dos jovens que os praticam e o dos profissionais envolvidos no projeto da Vila Olímpica, desenvolvido pelo governo municipal, assim como as possibilidades que o esporte oferece como mecanismo de saída da pobreza, de profissionalização, de socialização dos jovens e, portanto, de prevenção da violência.

Para apreender esta visão do esporte pelos jovens, realizamos trabalho de campo etnográfico em uma Vila Olímpica de bairro da AP 3, onde as taxas de homicídios entre jovens são as mais altas, assim como as mortes denominadas “autos de resistência” por serem cometidas por policiais militares e civis em suas ações constantes ali.

A região na qual se encontra esta Vila Olímpica é, de fato, pelos dados estatísticos registrados em um *survey* de vitimização, realizada pelo NUPEVI/IMS/UERJ em 2006-2007, uma das mais profundamente marcadas pela experiência da violência e seus sofrimentos atroz. Este *survey* continha também dados sócio-demográficos da região que nos ajudarão a compreender tais dramas. Além disso, recorreremos a dados do Censo de 2000 e PNADs subseqüentes, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, para averiguarmos dados relativos à região em questão.

2.O subúrbio carioca

Ao contrário dos subúrbios nas cidades da América do Norte, os da cidade do Rio de Janeiro não são compostos por moradores das classes altas, nem apresentam padrões de prosperidade nos indicadores sociais, alta qualidade de vida e bons índices de segurança pública. Ao contrário, grande parte dos moradores é das classes populares e média-baixa, tendo alta proporção de pobres, ou seja, aqueles situados abaixo da linha de pobreza calculada no Brasil em meio salário mínimo *per capita* na renda familiar, além de indicadores de escolaridade, expectativa de vida, mortalidade infantil e mortalidade violenta dos mais preocupantes na cidade que tem uma das maiores rendas familiares *per capita*, escolaridade e expectativa de vida no país. Apesar de ser uma das cidades com menor mortalidade infantil, o Rio de Janeiro continua sendo uma das que apresenta altíssima taxa de homicídio entre homens jovens na faixa dos 15 aos 29 anos de idade.

Devemos ressaltar que nesta cidade costumou-se chamar de subúrbio uma determinada área de povoamento antigo, e não apenas a área mais distante do ‘centro’. Exemplo disso é a Barra da Tijuca, bairro de povoamento recente, mais distante do ‘centro’ da cidade do que os bairros ditos suburbanos, e que não recebe essa classificação, além de ter indicadores sociais e econômicos dos melhores na cidade. Pela sua conformação topográfica e formação histórica em torno da Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro o centro não é a parte central, mas uma extremidade, a mais próxima da Baía, de onde se expandiu a cidade, primeiramente em direção aos atuais subúrbios e, muitos anos depois, na direção da Barra da Tijuca e adjacências.

Fundamental na formação cultural da cidade do Rio de Janeiro, a AP 3 foi o criadouro de importantes personagens e instituições, que cresceram ali até se espalharem na cidade, no país e no mundo. O choro, o samba, as escolas de samba, fizeram desta região um viveiro de importantes músicos e músicas, além de assistentes, carnavalescos etc. No que se refere ao samba, simbolicamente o formador mais importante da identidade cultural brasileira, personagens centrais como Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Noca, Monarco, Dudu Nobre, Jorge Aragão, Luiz Carlos da Vila, Dorina, Ney Lopes, Dona Yvone Lara e escolas como Portela, Tradição, Império Serrano, Imperatriz Leopoldinense e Caprichosos de Pilares compõem parte do



cenário cultural do subúrbio. No esporte, ídolos internacionais do futebol como Romário, Ronaldo Fenômeno, Adriano Imperador, Zico, e o corredor Robson Caetano, oriundo de Fazenda Botafogo (mesmo bairro onde está situada a Vila Olímpica estudada e onde ele nunca teria colocado os pés). Tais personagens alimentam a idéia de um subúrbio como celeiro de craques (Guedes, 1982). Importantes clubes da de futebol são da região: Madureira, Bonsucesso, Olaria e Portuguesa da Ilha.

No entanto, os subúrbios cariocas foram se degradando ao longo das três últimas décadas, entre outras razões pela presença de quadrilhas de traficantes que dominaram favelas, impondo terror, desrespeito a direitos fundamentais, impondo suas próprias e despóticas leis aos moradores destes 'domínios', associando-se a policiais corruptos, formando alianças com quadrilhas de outras favelas e instaurando um poder arbitrário que decide a vida e a morte nesses espaços. Somado a isso, ou em função disso, está a saída de importantes indústrias dessa região que a foram abandonando por não haver mais segurança para o seu funcionamento ali. Tais indústrias empregavam grande número de trabalhadores, e atraíam migrantes de outros estados.

Também é verdade que as indústrias, algumas vezes, são substituídas por *shoppings centers*, que só nessa região são cinco de grande e médio porte, entre eles o shopping de maior movimento da cidade: Norte Shopping. Comparado com a AP 5 (que reúne os bairros da Zona Oeste da cidade), com apenas três *shoppings centers*, o intenso comércio da AP 3 se destaca. Tal fato pareceria paradoxal se não tivesse acontecido no contexto internacional das transformações havidas nos últimos tempos: a fábrica, local onde se formava a identidade da sociedade industrial, qual seja, a do trabalhador, não é mais o local formador desta na sociedade pós-industrial, substituído pelos "templos de consumo" (Bauman; 2003), os *shoppings centers*. Igualmente importante, os empregos migraram do setor secundário, o da indústria, para o terciário, onde estão os serviços e o comércio.

Embora ainda haja alguma atividade industrial em pequenas e médias empresas, não há dúvida de que a desindustrialização nos subúrbios cariocas foi brutal e afetou profundamente o associativismo vicinal, antes dominado pelos trabalhadores que fundaram e atuaram não só sindicatos, mas também blocos de carnaval, escolas de samba e times de futebol não profissional, todos parte da vizinhança onde moravam. Entretanto, porque o carnaval e o futebol tornaram-se atividades empresariais da indústria do entretenimento, isto fez com que novas atividades industriais sazonais, por exemplo, da indústria têxtil que fabrica fantasias e adereços, mantivessem algum dinamismo econômico em tais locais.

No subúrbio é possível dizer, pela sua especificidade, que há uma configuração social marcada por um passado glorioso e pulsante culturalmente, aliado a um contexto mais recente de esvaziamento econômico incompleto e da violência resultante do tráfico de drogas, visto que este controla militarmente, com modernas e poderosas armas de fogo, quase todas as suas favelas.

Refletir sobre quais as dimensões possíveis do esporte dentro dessa conjuntura, que se insere nos processos de globalização econômica e cultural, mas que preserva seu papel socializador e o seu uso na prevenção à violência, requer aprofundar algumas indagações. Ao contrário do boliche que, como afirma Robert Putnam (2003), tem sido cada vez mais jogado por um único indivíduo nos Estados Unidos da América, o futebol é jogado coletivamente. Só isso já o propiciaria a socializar os jovens na cooperação e respeito às regras coletivas. Mas, se os jovens, frustrados pela educação pública, desencantados com a política no país, imersa em escândalos que levaram ao esgarçamento da sociedade civil (Souza & Lamounier, 2006), apostam no esporte, sobretudo no futebol, é possível a manutenção do processo civilizador que os torna seres sociáveis e respeitadores dos direitos alheios? Se no futebol muitos, talvez a maioria, não alcançam êxito em resgatar-se e às suas famílias da pobreza, como considerar o esporte uma alternativa econômica ao tráfico que promete muito dinheiro fácil e rápido? Além disso, se estes jovens são informados pelo discurso dos projetos sociais, da escola e de seus familiares, sobre a importância do esporte na socialização, que promessas podem cumprir os projetos esportivos naquilo que acenam para a juventude pobre?



2.1 Bairro de Acari

O Bairro de Acari está situado na AP 3 e pertence à XXV Administração Regional, sediada no bairro vizinho da Pavuna. A esta Administração Regional pertencem ainda os bairros de Coelho Neto, Acari, Barros Filho, Costa Barros e Parque Colômbia. Alunos de todos esses bairros foram encontrados na Vila Olímpica Clara Nunes (VOCN).

Entre os indicadores sociais e econômicos que nos chamam a atenção e revelam as profundas desigualdades sociais, está o que informa os anos de estudo dos chefes de família, cuja fonte é o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizado no ano de 2000.

Os dados acima revelam que 60% dos chefes de família da região têm até oito anos de escolaridade, e que o número de chefes com mais de 12 anos de instrução é menor do que os sem instrução. Os chefes de família têm média de 5,5 anos de estudo, o que se explica por que os mais jovens têm mais anos de escola.

Dos quase 200.000 moradores da RA, 37% residem nos “aglomerados subnormais”, mais conhecidos como favelas, percentual mais alto que os 20% na cidade. A esperança de vida ao nascer é de 67,41 anos, a mortalidade infantil é de 31,05 por 100.000 habitantes. A probabilidade de sobrevivência para os moradores desta RA até os 40 anos de idade é de 90,1%.

Como comparação, a VI RA, que abrange os bairros da Lagoa, Gávea, Ipanema, Leblon, São Conrado, Vidigal, bairros da zona sul carioca e onde estão os melhores indicadores sócio-econômicos e de qualidade de vida, do total de 174.062 habitantes, apenas 10% da população vive nas favelas, a esperança de vida ao nascer é de 76,83, a mortalidade infantil é de 9,88 por 100.000 habitantes; a probabilidade de sobrevivência até os 40 anos é de 96,71%.

A pesquisa de vitimização das favelas do Rio de Janeiro também revela que na AP 3, onde se inserem os bairros atendidos pela VOCN, 36,9% dos moradores com mais de 15 anos disseram já ter ouvido ou visto muitos crimes em suas localidades, 8,9% disseram ter ouvido e visto muito poucos, 16,6% ouviram e viram poucos e 37,6% não viram e nem ouviram nenhum crime. Em comparação com as outras APs da cidade, na AP3 aparece o maior percentual de entrevistados que viram e ouviram crimes, o que caracteriza a região como uma das mais violentas da cidade, segundo a vivência e percepção de seus moradores.

2.2 A Vila Olímpica Clara Nunes (VOCN)

Situada na Fazenda Botafogo, bairro popular formado por conjuntos habitacionais construídos nos anos 1970, que receberam moradores removidos de favelas localizadas nas áreas mais prósperas da cidade, esta Vila Olímpica de 7.000 m², uma das oito já construídas pela Prefeitura, é mais conhecida como Vila Olímpica de Acari. Isto por que está na região de influência do bairro de Acari que se tornou notável por conta da violência resultante de confrontos constantes entre traficantes e policiais, traficantes e traficantes e uma histórica ‘ocupação’ da favela pela Secretaria de Segurança Pública, em meados dos anos 1990. Além disso, um grupo ficou conhecido na cidade como “As mães de Acari”, em alusão às mães da Praça de Maio em Buenos Aires, por se organizarem e reclamarem o desaparecimento de seus filhos, ocorrido na mesma década a policiais militares da região e nunca esclarecido. A Vila Olímpica atende alunos de vários bairros próximos, mas a maior parte dos alunos são oriundos da Pavuna, Acari, Coelho Neto e Barros Filho, embora tenha encontrado pais e alunos provenientes de Honório Gurgel e Rocha Miranda, por exemplo, bairros menos próximos.

2.2.1 Estrutura e funcionamento da VOCN

Oficialmente a Vila Olímpica funciona de terça a domingo, oferecendo 11 atividades esportivas (atletismo, basquete, capoeira, futebol ‘society’, futsal, handball, hidroginástica, judô, natação, tae kwon do e vôlei) e



outras artísticas, culturais e educativas (aerodefense, coral, dança/jazz, dança de salão, artesanato, música/ percussão e aulas de inglês). Todas são gratuitas. Para estas atividades, foram contratados 21 professores e número igual de funcionários. Conta ainda com os profissionais do setor sócio-educativo (responsáveis por cuidar desde os alunos mais carentes aos mais problemáticos e fazer a integração da VOCN com as escolas locais). Os 7000 m² são divididos entre: piscina, pista de skate, quadra polivalente coberta, campo de futebol society, salas para esportes individuais, um pequeno anfiteatro, salas administrativas e vestiário masculino e feminino. Fonte não oficial afirmou certa vez que o custo mensal de um espaço como esse é de cerca de US\$ 115.000.

A Vila Olímpica é totalmente financiada pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (PCRJ), mas é administrada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, especificamente a Faculdade de Serviço Social, que venceu licitação para administrar esta unidade. Em toda a cidade do Rio de Janeiro já estão em funcionamento oito vilas, devendo ser entregues mais duas até o fim da atual gestão, mas nem todas são integralmente financiadas pela PCRJ, como a da Maré, por exemplo, que segue o modelo de parceria com a iniciativa privada, mais exatamente, a Petrobrás.

Segundo o coordenador da Vila Olímpica, que está lá há um ano e meio, seriam atendidos ali 6.000 alunos/ano (destes, 2000 teriam até 18 anos de idade), entre recém-nascidos, crianças, jovens, adultos e idosos. Não há limite de idade para o ingresso, apenas a exigência de um atestado médico comprovando estar em boas condições para as práticas esportivas. Este exame não é oferecido na Vila e deve ser buscado junto à rede pública ou privada de saúde.

Há também um significativo número de alunos chamados de ‘pessoas portadoras de deficiência’ (PPD), sejam distúrbios físicos ou mentais, que fazem aulas em separado dos outros, com atividades psicomotoras. No final do ano de 2007, estes alunos participaram de um torneio entre todos os alunos deficientes das Vilas Olímpicas da cidade do Rio de Janeiro, indo até a última fase do torneio.

A Vila abre durante todos os meses do ano, com um pequeno recesso durante o Natal e Ano Novo. Nos meses de janeiro e fevereiro funciona como ‘colônia de férias’, recebendo um público apenas voltado para práticas esportivas como lazer, e sem necessidade de aprender os fundamentos e as regras mais específicas de cada um dos esportes. Durante este período, a Vila triplica o número de atendimentos. Segundo o coordenador, isso ocorre pelo fato de não haver horário estipulado para as aulas e não haver cobrança por parte dos professores no que se refere às regras esportivas. E ainda segundo ele, é neste período que se busca trazer novos alunos para o decorrer do ano de atividades. Curiosamente, a ‘colônia de férias’ é pouco procurada pelos chamados ‘alunos regulares’ que estariam mais interessados em se aprofundar nos esportes. Um destes alunos regulares revelou que não vai à ‘colônia de férias’ porque nessa época “tem muita bagunça”.

Aos sábados e domingos, a VOCN se restringe às atividades recreativas, com exceção do campo de futebol society que fica reservado para grupos de peladeiros, geralmente com idade acima de 20 anos ou para empresas que reservam o espaço para que seus funcionários joguem futebol society.

Cada aluno pode se inscrever em quatro modalidades com os horários previamente marcados e diferenciados. Essa limitação se deu em função do aumento da procura pelas atividades desenvolvidas na VOCN e pela real impossibilidade que a VOCN tem em função dos seus limites físicos de aumentar a oferta, muito embora pudesse aumentar o horário de atendimento.

De terça-feira a sexta-feira, durante o que seria o ‘ano letivo’, a VOCN funciona das 7h às 17h, quando são oferecidas as atividades regulares já enunciadas anteriormente. Nesses dias se aprendem regras mais específicas para cada modalidade esportiva, há maior profundidade sobre os fundamentos dos esportes, há observação da parte motora dos alunos, há cobrança quanto à presença e quanto aos horários, ou seja, quando à disciplina.

Ao lado da Vila está um CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) que funciona em tempo integral e atende a alunos de Primeira a Quarta série do ensino fundamental. A quadra que serve à VOCN era



inicialmente pertencente ao CIEP, que foi cedida à Vila e, em troca, a Vila se comprometeu a ceder o espaço e oferecer aulas aos alunos dessa escola. No decorrer do dia, os alunos saem das suas aulas e são levados à quadra, onde praticam atividades físicas, recreativas e esportivas.

2.2.2 As identidades construídas na VOCN

Uma das identidades que os profissionais da VOCN assumem é a de que não são escolinha de futebol, clubes e nem tão pouco academias. Dizem-se e sentem-se inseridos em um projeto social e esportivo com características peculiares: possuem um equipamento privilegiado em relação a outros projetos, também gozam de um espaço físico próprio, não os obrigando a ficar ao relento nas ruas e nas praças dos bairros, sob a chuva ou sob o sol ardente. Têm espaço demarcado, bem conservado, construído há apenas 6 anos, com várias áreas cobertas.

O projeto VOCN parece estar menos vulnerável às mudanças político-partidárias na PCRJ, embora o atual coordenador seja o quinto em 6 anos e cada coordenador tenha trocado parte da equipe ao assumir o comando. A ressaltar é que o fechamento da VOCN e o término de suas atividades parece ser menos provável do que em outros projetos para jovens, apesar da constante troca de coordenação. O projeto tem continuidade garantida.

Não há reclamação quanto à falta de materiais esportivos e nem ao atraso de salários, mas há preocupações pelos problemas de violência nas localidades em torno da VOCN. Não se nota, porém, nem invasão do espaço por parte de traficantes ou policiais, nem marcas de tiro ou mesmo pichações nos muros da Vila informando a presença de qualquer comando de traficantes. É como que uma área mais respeitada e preservada dos tiroteios e ataques corriqueiros a construções existentes na região. Ou seja, material e simbolicamente, os profissionais observam boas condições de trabalho.

Uma das atividades mais buscadas pelos alunos regulares e pelos que vão durante o período da colônia de férias é a de natação. Isso porque além de ser uma atividade não comumente encontrada na região, sobretudo em espaços públicos, é uma atividade nova, e é possibilitada a alunos de todas as idades. Desde os recém nascidos até os mais idosos, que têm limites reais para a prática de esportes como futsal, futebol society, vôlei e basquete.

Mas por que pretendem se distanciar dos demais empreendimentos esportivos? Manter o status de Vila Olímpica significa não ter como foco central a formação de esportistas, mas o de buscar a inclusão social, ou seja, a preparação para a vida coletiva, para a cidadania. Nunca, quando estivemos presentes nesse espaço, encontramos quaisquer 'olheiro' ou empresário de clube, talvez em função do difundido discurso sobre o caráter social da VOCN veiculado por seus profissionais. Entretanto, isso não impede de maneira alguma que alguns destes profissionais tenham assumido que já levaram alguns alunos para treinos em clubes ou escolinhas, quando se destacam na modalidade, alguns lá permanecendo, outros retornando à vila.

O certo é, portanto que, entre as funções da VOCN, estão tanto a formação de atletas quanto a formação de cidadãos. Trabalhar as possíveis tensões que essa peculiar dupla identidade cria para um espaço localizado em torno de cinco comunidades carentes e violentas da cidade do Rio de Janeiro é tarefa que requer intenso cuidado. Até porque o esporte é o sonho de muitos alunos e familiares para a saída da pobreza, sonho alimentado pelas trajetórias de sucesso de profissionais do esporte, principalmente jogadores de futebol e de vôlei.

A saída encontrada para dilemas tão amplamente discutidos pela academia - socializar ou profissionalizar? - foi a de trabalhar na dupla perspectiva, mas com cada aluno de acordo com as suas (in) habilidades, tratando diferentemente os diferentes, sem que isto signifique exclusão. Neste espaço não se faz 'corte', isto é, o que acontece quando garotos vindos de várias localidades, e levados a um clube ou escolinha, podem



ser ou não escolhidos, cortados ou não, pelos respectivos profissionais para entrarem na carreira de atletas nestes clubes e nas escolinhas formadoras de futebolistas.

Ainda assim, os profissionais se preocuparam em afirmar que uma forma de trabalhar a frustração que a não profissionalização pode gerar nos jovens é mostrar as diversas maneiras como o esporte ajudará na formação cidadã e profissional daquele indivíduo, oferecendo alternativas e sugerindo outros caminhos. Ainda que se profissionalizem no esporte, não nos pequenos ou grandes clubes, mas como profissionais do setor: professores de educação física, preparadores físicos, massagistas, fisioterapeutas, roupeiros, funcionários destes projetos.

Assim, a idéia transmitida pelos profissionais de que para vencer no esporte é preciso treino, perseverança, afimco e respeito às normas, ajuda estes jovens a perceber que as 'verdadeiras conquistas' da vida não se dão repentina nem facilmente, mas são resultados de esforços e conquistas. Mais uma vez o futebol lhes serve como metáfora: para vencer na vida ou no esporte é necessário cumprir certas regras, estar preparado e treinar, lutar perseverantemente para alcançar objetivos (Zaluar, 1994). Ser um vitorioso no esporte não significa, no discurso dos professores, profissionalizar-se nele, mas tem eficácia simbólica, pois ajuda a preparar estes jovens para a vida adulta: saber perder, saber competir dentro de regras iguais para todos, ter os fundamentos da profissão bem treinados, conduzir-se na vida com disciplina e respeito ao outro.

Outro aspecto que atraiu nossa atenção é o fato de que boa parte dos profissionais tem larga experiência em projetos sociais, formados em educação física e com ampla experiência nesse setor. Um deles trabalha em projetos ligados a escolas de samba, sendo mestre-sala principal de uma das mais tradicionais delas. Outro tem sua própria organização não-governamental (ONG) que atua em outro projeto sócio-esportivo, em parceria com a iniciativa privada. Além disso, há ali funcionários que pretendiam, enquanto jovens, ser esportistas profissionais, mas sem êxito, e que hoje trabalham em um espaço esportivo. Estes exemplos podem servir como mecanismo de esperança por oferecer um caminho alternativo para os jovens que também buscam ter êxito como esportistas profissionais e podem não lograr nesta busca.

2.4 A VOCN e a vizinhança

Pertencer à Vila como aluno regular, praticante das mais variadas atividades faz com que uma parcela dos alunos, sobretudo a dos mais pobres, se sinta prestigiada nas suas vizinhanças ou junto a parentes, amigos e colegas de escola. Isso porque a Vila confere a ele um status de desportista, atleta ou alguém que tem suas habilidades motoras valorizadas em um espaço profissionalmente dedicado ao esporte. Pertencer às equipes da Vila o diferencia dos demais amigos e colegas não freqüentadores, pois nesse momento a imagem da Vila é a de excelência e profissionalização. Junto a familiares, o pertencimento atrai atenções, curiosidades e expectativas.

O fato de estar na Vila propicia aos alunos uma experiência fundamental na sociabilidade: a de fazer novos amigos. Embora a Vila receba alunos de vários bairros da redondeza, como já dissemos, muitas vezes, alunos que moram em ruas próximas ou nos mesmos bairros, embora já tenham se visto e cruzado, só começam a se relacionar dentro da Vila. O fato de estarem no mesmo espaço os aproxima, pois passam a se considerar iguais e a seguir as mesmas regras, valores e sonhos.

Afora os laços que constroem com alunos vizinhos, criam laços com alunos de outros bairros e com outras experiências de vida, tanto na questão da violência, quanto na educação, saúde e experiências de lazer. Ou seja, pertencer à Vila e ali praticar atividades esportivas, além de socializá-los, cria identidade baseada nos valores do esporte, da disciplina e em uma imagem de excelência esportiva. Em oposição a esta identidade estão os valores do desrespeito a regras, do vencer a qualquer custo e em menor tempo, do desrespeito ao outro, encarando-o como inimigo e não como adversário, caminho do esporte.

Mas essa socialização fornece ainda com outros aspectos. Algumas vezes, há pequenos sinais de competição entre alunos das mesmas localidades. É a disputa pela fama de 'o melhor' que se torna mais



violenta em alguns momentos e mais saudável em outros. Tal disputa às vezes se dá numa jogada desleal dentro de campo, ou em deixar o colega em situações difíceis, como se um estivesse testando até que ponto o outro possui determinadas habilidades. Nos esportes individuais essas pequenas disputas também se manifestam, mas é no espaço das práticas de esportes coletivos que elas mais se fazem presentes e, nos esportes coletivos, são o futsal e o futebol *society* que imperam.

Outras vezes, essas competições se dão entre alunos de um bairro contra os alunos de outro bairro. A mesma lógica está presente: ora mais saudáveis, ora mais violentas, exibindo signos de masculinidade exacerbada, exibicionista.

Em ambos os casos, tanto da competição entre os da mesma localidade, quanto entre os de comunidades diferentes, a presença de profissionais interrompeu, advertiu ou puniu aqueles que "passaram dos limites", lembrando aos mesmos dos valores e das regras do esporte bretão, válidas para todos e não submetidas ao poder dos mais fortes. Esta é uma experiência fundamental para criar alternativa real para o poder dos que dominam militarmente os bairros em que vivem, sejam traficantes ou policiais que usam excessivamente a força, desrespeitando os direitos de cidadania e as leis vigentes no país.

Todavia, todos os profissionais entrevistados foram enfáticos ao afirmar que têm muitas dificuldades com os alunos oriundos do CIEP Zumbi dos Palmares, mais freqüentado justamente pelos jovens oriundos das favelas dominadas por traficantes. Alguns profissionais apontaram essa como sendo a escola com pior desempenho da região, o que agrava a imagem da escola como de espaço para crianças "problemáticas", por isso estigmatizadas.

Um dos profissionais chegou a dizer que eles seriam 'sujos' no sentido literal. Outros afirmam que a maior parte das agressões observadas durante as atividades está entre esses alunos. Chamou-nos a atenção o fato de que nunca os vimos praticando esportes com roupas apropriadas, mas com os mesmos uniformes utilizados nas salas de aula, um sinal externo de pobreza.

Durante a pesquisa, presenciamos violenta agressão entre dois alunos deste CIEP, na qual o agredido ficou estirado no chão da quadra durante mais de cinco minutos, enquanto o professor advertia e colocava o agressor fora do jogo até que a atividade acabasse. Vale dizer também que os próprios colegas do agressor o advertiram questionando a violência da sua atitude. Mas nenhum deles tentou ajudar o aluno agredido.

Observamos, em outra ocasião, uma mulher que não era aluna da VOCN sentada na arquibancada da quadra esbravejando e proferindo bravatas contra uma aluna do CIEP que fazia suas atividades na quadra. A aluna foi avisada pelas colegas e as ameaças da visitante aumentaram, o que fez com que a aluna conversasse com a professora e esta mediasse o conflito entre as duas. Após a conversa, a visitante foi embora gritando muito e prometendo acertar 'as contas' em outro momento dentro da própria favela. O problema, soube-se, era que a aluna do CIEP havia agredido e ofendido parentes da visitante.

Muitos fatores podem explicar a presença e participação dos alunos na VOCN, segundo as afirmações deles próprios e de seus pais. A presença pode se explicar por questões relacionadas à saúde, como o caso de uma mãe que havia inscrito, por orientação médica, seu filho de sete anos hiper-ativo. Outros pais colocam seus filhos para que eles pratiquem atividades motoras, desenvolvam o corpo, ou mesmo ganhem resistência a doenças, ressaltando a imagem de que a prática esportiva previne doenças (Cechetto, 2004).

Porém, mais importante para nosso foco na prevenção da violência, é a justificativa comumente ouvida para a adesão ao projeto: a de que disciplina os filhos. Um pai entrevistado disse que suas filhas, uma de 10 e a outra de 12 anos, passam o dia brigando dentro de casa e como ele não permite que elas saiam à rua, afirmou tê-las colocado lá para que 'parassem de brigar' e se respeitassem. Outros afirmaram que, dentro de suas casas, as crianças não se comportam bem, são agressivas com as visitas e vizinhos e ficam apenas vendo televisão (que dizem não ensinar coisas boas) ou jogando em videogames e computadores dentro de casa ou nas *lan houses* espalhadas pelos bairros populares do Rio de Janeiro.

O lazer pelo lazer, o esporte como atividade lúdica é uma resposta pouco dada por pais e alunos. Poucos



alunos dizem que estão no projeto para se distrair, passar o tempo, conhecer outros colegas e praticar algum esporte.

A afirmação de que a presença na Vila se dá para a profissionalização existe e há alguns alunos que assim falam, porém não é a fala hegemônica. Essa explicação é apenas mais uma entre as outras já mencionadas. Isso não significa dizer que o sonho da profissionalização e da ascensão social pelo esporte em função da representação supervalorizada que se tem do futebolista de sucesso, e a representação subvalorizada do emprego formal, destino dos seus parentes e vizinhos, não estejam presentes no imaginário desses alunos.

Mas esses diferentes discursos para justificar a presença na Vila, devem ser respostas ou repercussões ao discurso dos profissionais da Vila quanto às suas funções: a informação sobre a realidade da maioria dos clubes e dos futebolistas profissionais, mas principalmente que a Vila nem só socializa e nem só profissionaliza, mas tenta fazer inclusão social. Tal mudança de perspectiva pode ser o resultado do trabalho destes profissionais a partir do momento em que as crianças entraram na Vila. Pois antes de entrar e ter acesso aos profissionais, a motivação original poderia, perfeitamente, ser a profissionalização a qualquer custo.

De qualquer maneira, um aspecto da VOCN parece ser real para todos os que ali praticam atividades: a Vila está muito próxima à favela e às comunidades pobres, mas é um espaço onde, por algumas horas, se foge à realidade das comunidades no seu entorno, ao se perceber boas condições de uso, boa qualidade no serviço prestado, mas acima de tudo, pela socialização que se tem dentro dali: noções como respeito, competição com regras em um local sem a presença e o arbítrio de traficantes e policiais corruptos.

Por fim, mas não menos importante, é a revelação de alguns alunos sobre a reação de conhecidos deles ligados ao tráfico de drogas à sua adesão ao esporte e frequência na Vila Olímpica. Os traficantes teriam passado a hostilizá-los com acusações de que diminuía sua masculinidade, dizendo que Vila Olímpica “não era coisa de homem”. Para estes jovens traficantes, com outra formação subjetiva, ser homem é “segurar em armas”, “ter disposição para matar” e ganhar respeito com o uso delas. Em novo registro, na formação subjetiva que os prepara para enfrentar as armadilhas e seduções do crime organizado, os alunos constroem outra representação da masculinidade: ser homem não é usar armas de fogo, mas ser vencedor nos esportes, aprender a se dedicar, respeitar regras e outras pessoas, embora não estejam livres das seduções de vencer a qualquer custo.

São duas concepções de masculinidade que passam a fazer parte do contexto social em que crescem os jovens pobres nas áreas mais violentas da cidade. Uma se afirma pela imposição de armas, destruição da vida do “inimigo” da quadrilha rival, exibição de poder para impor suas vontades perante moradores e seduzir mulheres (Zaluar, 2004). A outra, não letal, afirma que ser homem é vencer nos esportes, às vezes fora das regras, mas sem precisar ceifar a vida de seus adversários e rivais que não se tornam inimigos mortais. Ainda assim, a busca de símbolos de poder, também se dá no sonho do esportista de sucesso, com muito dinheiro e fama, e a conseqüente exibição de sonhados bens de consumo que atrai igualmente as mulheres.

3. Conclusão

Pensar sobre projetos sócio esportivos como esse que acabamos de abordar, é abordar um conjunto de ações que a sociedade civil, governos locais e nacionais têm adotado como medida de prevenção à violência. Como tanto a sociedade civil quanto o Estado estão interessados em reduzir a violência, nada mais natural do que instituições dessa natureza dialogarem quando atuam nas mesmas localidades, atendendo o mesmo público. Entretanto, em momento algum se mencionou o diálogo e a troca de experiências entre tais instituições.

Diante dos dados apresentados no começo deste artigo, revelando a região na qual está situada o bairro e a micro região de Acari com todo seu caráter violento, com índices sociais revelando baixa escolaridade,



expectativas de vida menores do que muitos outros bairros da cidade, um projeto como esse pode representar uma alternativa a muitos jovens, além de produzir a socialização baseada em regras que prezam a tolerância, o aprendizado diante de derrotas e vitórias e a idéia a partir da metáfora de que vitórias são construídas com o tempo e com trabalho perseverante.

Assim sendo, ressaltar a preservação do espaço, sua ampliação e uma maior atenção por parte de profissionais e empresários do esporte, desde que cultivando os valores do esporte, pode ajudar sim à prevenção à violência. Para isso é preciso que a VOCN, assim como as demais Vilas Olímpicas, tenham estabilidade e garantias de continuidade, apesar da inconstância político-partidária porventura existente na PCRJ. Ou seja, é preciso que seja uma política de Estado e não de governo, ao sabor dessa inconstância.

Cumpre lembrar também o futebol como um dos elementos que no Brasil fortalece laços familiares, como identificou Aley Damo (2005), sobretudo nos aspectos da dádiva: ou seja, da reciprocidade que os filhos buscam exercer em relação aos pais na hora de alcançar a carreira de futebolistas e dar-lhes melhores condições de vida, retribuindo assim o esforço e o investimento que lhe foram feitos durante toda a vida. Mas não podemos ver o dom/talento e dom/dádiva ligados e atrelados exclusivamente aos “futebolistas”. Esta lógica do circuito da dádiva pode muito bem ser aplicada a outras profissões onde também haja relação familiar de investimento, expectativa e retribuição.

“Se no caso do dom/talento aquele que o possui é sinônimo de investimentos visando aprimorá-lo, no caso do dom/dádiva aquele que o herdou da natureza (genética) ou divindade torna-se o centro dos interesses de uma configuração social de pequena escala aqui definida como entourage. Os que fazem parte dela são, preferencialmente, os familiares e os amigos daqueles em quem o dom se manifesta, influenciando nos usos dos produtos do dom, entre os quais o dinheiro.” (Damo, 2005, p.106)

A aposta na educação formal e pública, tanto no ensino fundamental e médio, pode se apresentar como alternativa viável, desde que se criem empregos para estes e que os jovens estejam dispostos a encarar a diferença entre as representações do emprego de futebolista para o emprego de trabalhador formal, digamos assim (Schwartzman & Cossio, 2007).

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt 2003, “*Comunidade*”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____, 2005, “*Trabajo, consumismo y nuevos pobres*”. Barcelona.

CECCHETTO, Fátima 2004. “*Violência e estilos de masculinidade*”. Rio de Janeiro: FGV.

COSSIO, Mauricio, SCHWARTZMAN 2007. “Juventude, educação e emprego no Brasil”. Protocolo disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/2007juventude.pdf>

DAMO, Arlei Sander. “*Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*”. Tese de doutorado, UFRGS, 2005.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric 1993. *Quest for Excitement, Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Oxford: Paperback, 1993

GONÇALVES, Maria Alice Rezende 2003. “*A Vila Olímpica da Verde-e-Rosa*”. Rio de Janeiro: Editora FGV.

GUEDES, Simoni Lahud 1982. “*Subúrbio: celeiro de craques*”. In: DaMatta, Roberto (org) *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.



SOUZA, Amaury de e LAMOUNIER, Bolívar 2006. “*O futuro da democracia: cenários político-institucionais até 2022*”. *Estud. av.* [online], vol. 20, no. 56 [citado 2008-05-14], pp. 43-60. Protocolo disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-4014. doi: 10.1590/S0103-40142006000100005

MAUSS, Marcel 1974. “*Ensaio sobre a dádiva*”. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Epu/Edusp.

MONTEIRO, Rodrigo 2003. “*Torcer, Lutar, Ao Inimigo Massacrar: Raça Rubro Negra*.” Rio de Janeiro: Editora FGV.

SENNETT, Richard 2004. “*Respeito. A Formação do Caráter em um mundo desigual*”. Rio de Janeiro: Record.

ZALUAR, Alba 1985. “*A máquina e a revolta*”. São Paulo: Brasiliense.

_____ 1994. “*Condomínio do Diabo*”, Rio de Janeiro, Revan/UFRJ.

_____ 1994. “*Cidadãos não vão ao paraíso*”. Campinas: Editora da UNICAMP e Escuta.

_____ 2004. “*Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*”. Rio de Janeiro: FGV.

ⁱ Cf: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000468905&loc=2005&l=24a7bc666aac4e57>. Acesso em 14 de outubro de 2007.